

## PREFÁCIO

Há cinquenta anos, um gigantesco canteiro de obras fervilhava. Brasília estava prestes a ser inaugurada. Dois meses apenas separavam a vontade do ato político. Desde o início das obras, em 1955, com a construção do primeiro campo de aviação (logo batizado de Vera Cruz), passando pelo concurso de 1956/57, que escolheu o projeto urbanístico da nova capital, e da execução do plano, decorreram apenas quatro anos e oito meses. Transferir uma capital não era novidade. Tampouco construir cidades praticamente do nada, *ex nihilo*. Algo já experimentado no Brasil, mas nunca com tanta intensidade (e expectativa!). Uma rápida análise das fotografias que registraram o festivo dia 21 de abril de 1960 permite constatar uma Praça dos Três Poderes inacabada, um palácio das Relações Exteriores inexistente, uma catedral em osso e um teatro interrompido. Mesmo assim, o sonho tornou-se realidade. E a realidade, um fato cotidiano. As forçadas cartolas do dia da inauguração logo foram abandonadas e substituídas por chapéus de palha com aba larga, mais capazes de garantir alguma proteção contra o clima do Planalto Central. Da mesma forma, a cidade assumiu dinâmicas próprias. Cresceu e transformou-se. Os palácios foram finalizados, outros tantos construídos. Hoje, o Plano Piloto de Lucio Costa é apenas uma entre as trinta regiões administrativas locais. A cidade descentralizou-se, o Distrito Federal metropolizou-se, e a região conurbanizou-se. A cidade sugerida, sonhada, imaginada, desenhada, riscada – criada, como dizia Lucio Costa – tornou-se real. E a utopia, aqui encarada como a “vitória do desejo”, transformou-se em um fato concreto.

Sendo concreta, Brasília pode ser vista como arquitetura e sobre ela podemos construir novos discursos (ou reforçar antigos...). Em *Brasília – cidade moderna, cidade eterna*, Frederico de Holanda faz tudo isso (e muito mais...). O autor segue o caminho inicialmente trilhado no seu importante *O Espaço de Exceção* (1997 e 2002). No entanto, vai além. Integralmente dedicado a Brasília, o livro explora as duas visadas acima citadas: a cidade como arquitetura e o que se tem dito sobre ela; e organiza-se em três

tempos, o da criação, o da constatação e o da projeção/"desejo" (passado, presente e futuro). Ou, como a cidade foi pensada por Lucio Costa, como Brasília se encontra na atualidade ("a verdade objetiva dos fatos") e quais as perspectivas utópicas para a capital do país.

Para tratar Brasília, Holanda vale-se da Teoria da Sintaxe Espacial. Como sempre, aplica-a de forma crítica e criativa. Explora seus objetos de estudo e estabelece seus padrões teóricos baseado em um grupo de conceitos (como "arquitetura", "formalidade" e "urbanidade" – só para citar os principais) e em um significativo conjunto de dados estatísticos, demográficos e econômicos. Conceitos e dados que caracterizam uma Brasília bastante distinta daquela tradicionalmente difundida. Uma cidade com preocupantes problemas de configuração urbana, fragmentada, dispersa, excêntrica, socioespacialmente segregada e com baixa densidade média. Problemas que devem ser enfrentados para que não se perpetuem. Aqui vale citar a constatação de Holanda: "a história de Brasília é a de uma trajetória perversa: queda progressiva das qualidades do projeto inicial e agravamento dos problemas de origem – os do *DNA* do projeto".

Ler Frederico de Holanda, em um primeiro momento, parece não ser tarefa fácil. Ele tem consciência disso. Poucos ainda são os iniciados na Teoria da Sintaxe Espacial ou conhecedores das dimensões morfológicas do processo de urbanização. Por isso, seja por estratégia acadêmica ou gentileza com o leitor, Holanda busca ser extremamente didático, delimitando os temas a trabalhar, explicitando as questões a responder, definindo os conceitos a empregar e selecionando as metodologias a serem adotadas. Holanda também é cuidadoso na escolha daqueles autores com quem dialoga e na adoção das teorias que dão (ou darão) suporte ao seu discurso. Veja, por exemplo, o carinho com que trata o urbanista Lucio Costa, o filósofo Evaldo Coutinho e o mestre em literatura Bill Hillier, fundador da Teoria da Sintaxe Espacial. Maneira que não o impede de criticá-los e que não inibe a salutar contraposição de ideias. Ao contrário, agindo desta maneira, ao longo de sua trajetória acadêmica (e particularmente na presente publicação), Holanda tem agregado qualidade

e seriedade à área da teoria da arquitetura e do urbanismo. Aí reside o meu mais profundo respeito sobre a contribuição dele para o campo. Muito antes de ser um “sintaqueiro” e um “dimpiano”, é um inquieto construtor de boas ideias. Um facilitador das utopias ou das realizações dos nossos desejos de urbanidade.

Brasília, fevereiro de 2010.

**Andrey Rosenthal Schlee**

Professor Adjunto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade de Brasília

Pesquisador do CNPq